

O NASCIMENTO DO MUNDO

Nada ainda existe no mundo a não ser Nun, o grande oceano primitivo que um dia será chamado pelos sábios de “sagrado Nilo”. Ao seu redor, reinam o silêncio, as trevas e o caos infundo, não havendo ainda olho humano que possa perceber a ausência das formas, dos volumes e das cores. Não há nem mesmo morte nesse opaco universo, já que vida alguma existe ali. O informe deus Nun permanece imerso desde sempre em seu sono primitivo, não passando ele – e o próprio universo, já que Nun e ele se confundem – de um grande espelho liquefeito de águas imparciais, escuras e silentes, a refletirem o nada inexpressivo que habita o mundo.

E então, inesperadamente, o grande mistério acontece: Nun começa subitamente a mover-se, despertando, enfim, de seu longo sono primordial. Negras tempestades agitam o espelho opaco das águas revoltas enquanto grandes massas escuras de água são lançadas para o alto, fazendo explodir em todas as direções imensos e trepidantes jorros de espuma negra.

Aos poucos a força vital de Nun começa a operar, e das profundezas do mar revolto surge lentamente uma pequena ilha envolta pelo impenetrável manto da escuridão. Um primeiro progresso se fez perceber, pois onde antes havia somente uma, agora há duas trevas: a treva imóvel da terra e a treva ondulante do mar. Brotada no centro dessa pequena ilha ergue-se, aos poucos, uma pequena flor de lótus, alva e delicada e que se destaca no meio da treva circundante. O universo conhece seu primeiro momento de espantosa beleza ao contemplar aquela pequena flor, frágil e solitária, a desafiar a escuridão silente do Nada. Então, do centro da flor começam a emanar lentamente finíssimos raios de uma fulva claridade. As pétalas do lótus vão abrindo-se e da luz que dele emana forma-se, finalmente, a figura soberana de uma nova e luzente divindade. Alguns a chamarão de Rá, outros, de Amon e,

ainda outros, de Amon-Rá – aquele ser divino que um dia as gerações futuras louvarão como o abençoado deus solar.

A nova divindade emerge de seu delicado leito estendendo seus raios flamejantes pela terra inteira – ainda vasta paisagem árida e infinitamente desolada –, riscando o horizonte negro com seus retilíneos feixes dourados, até que tudo se torna claro o bastante para que se possa separar a luz da treva. Recém-despertos para a vida, os olhos de Rá nublam-se de luminosas lágrimas ao enxergar o pouco que ainda há no mundo e o muito que lhe falta. Uma gota cristalina desliza e cai de seus olhos brilhantes, indo entranhar-se na terra dura e seca que o calor de seu próprio corpo gretara. Dessa gota divina, um dia, surgirá a humanidade.

Depois, os olhos do poderoso Rá fecham-se e seu pensamento se dedica a criar outras divindades que lhe façam companhia. Uma a uma elas vão surgindo, nomeadas pelo deus solar: primeiro Tefnet, a deusa da água, e Chu, o deus do ar, que habitarão no firmamento, glorificando o deus supremo. Então, da união desses dois deuses nascem Geb, deus da terra, e a bela Nut, deusa do firmamento. Os últimos, por sua vez, dão origem à primeira geração de deuses a habitar a sagrada terra do Egito: as deusas Ísis e Néftis e os deuses Seth e Osíris.

Primogênito entre todos, o puro Osíris virá ao mundo para cumprir o ciclo inteiro da vida e da morte. Será o grande deus civilizador que ensinará aos homens, ainda imersos na barbárie e na ignorância, as sagradas artes da agricultura e do culto. Ele tornará próspero o Egito, espalhando a civilização por todo o mundo, além de ser o primeiro deus a possuir a forma humana e a reinar sobre as criaturas de forma incontestada. Ísis, sua irmã e esposa, reinará ao seu lado sobre as terras que circundam o majestoso Nilo, em paz e harmonia, ainda que sob os olhos amargos de inveja do sinistro Seth, sedento de maldade e poder.

Muitas histórias de heroísmo e vilania dessa dinastia gloriosa ainda estão por acontecer: desde a decadência natural do primitivo Rá, e de como Ísis astuta lhe tomará o cetro, até o

crime horrendo que Seth perpetrará contra seu próprio irmão Osíris. Ao fim de tudo, entretanto, o divino Horus, filho intrépido do deus assassinado, retomará o cetro que por direito eterno lhe cabe, enquanto Osíris irá reinar, soberano, entre os mortos.

Estas histórias todas, porém, só nos serão contadas no seu devido tempo.

O NASCIMENTO DE ÍSIS E OSÍRIS

Segundo os antigos egípcios, o mundo surgiu de Nun, um grande oceano primitivo que os sábios identificaram como o rio Nilo, fonte de vida e abundância para todo o Egito. Essa obscura divindade gerou Rá, o supremo deus solar que deu posteriormente ao mundo uma nobre descendência. Dentre esses descendentes estavam Geb e Nut, personificações, respectivamente, da Terra e do céu.

Rá, contudo, havia estabelecido desde sempre que Geb e Nut jamais haveriam de se unir para procriar novos deuses, pois ele, como deus soberano, temia a perda do poder absoluto caso essa união viesse a acontecer. Contudo, Rá, pouco previdente, permitira que ambos permanecessem perigosamente próximos um do outro, pois enquanto Geb, personificação masculina da Terra, vivia estirado sobre o leito do mundo, Nut, a deusa celestial, permanecia encurvada acima dele, apoiada apenas nas pontas dos dedos das mãos e dos pés. Durante a longa era em que ambos permaneceram assim, não tiveram outra coisa a fazer senão observarem-se mutuamente.

– Nut, ó minha bela irmã! – disse um dia Geb, tomando coragem para dirigir a palavra à deusa que pendia sempiterna sobre si. – Não se aborrece de estar o tempo todo suspensa aí no alto?

A deusa afastou os longos e sedosos cabelos que lhe pendiam da cabeça, fazendo com que uma chuva fresca de orvalho descesse sobre o corpo estendido do deus.

– Não, pois tenho muitas e belas coisas para observar – disse ela, com os milhares de olhos estrelados que lhe recobriam o rosto a faiscarem vividamente. – Mas já que você toca no assunto, demonstrando sua preocupação, não nego que seria um alívio para minhas doloridas costas se pudesse espichá-las um pouco – completou ela, dando um ligeiro suspiro de dor.

Geb, feliz por poder prosseguir a conversa, respondeu assim às palavras da deusa:

– Ora, e por que não o faz, se assim manda a sua vontade?

– Porque, ao fazê-lo, meu corpo ficaria quase unido ao seu – respondeu a deusa, afetando uma grave preocupação. – Sei eu, porventura, se o descanso de meu corpo não importaria em incômodo para o seu?

– Oh, não, estrelada Nut, por certo que não...! – retrucou Geb, numa precipitação que revelava algo mais que a polidez divina. – Se está cansada de permanecer encurvada como um sublime arco, pode, com toda a certeza, espichar os nervos e tendões de seus delgados braços e de suas distendidas coxas. Nenhum desgosto traria à minha pele sentir a tepidez da sua.

A deusa fez, então, como Geb dissera, e logo seu corpo negramente aveludado espichou-se, dando alívio às suas costas encurvadas e fazendo com que ao mesmo tempo seu tronco descesse quase ao nível da Terra. Um grande suspiro de alívio brotou dos lábios frescos de Nut. Entretanto, a sensação enorme de alívio fez com que não fosse capaz de perceber que seus seios, naturalmente fartos e tornados ainda mais proeminentes pela força da gravidade, roçassem suas pontas, suavemente, no amplo peito do deus estendido.

– Oh, perdão! – disse ela, erguendo-se instintivamente ao sentir pela primeira vez o contato. – Não foi de propósito!

– Ora, não foi nada... – disse Geb, um tanto desconcertado também.

E assim permaneceram por mais algumas eras – pois naqueles dias primordiais da sedução havia tempo de sobra para a requintada arte da protelação –, até que Nut pediu licença a Geb, outra vez, para abaixar-se “só um tantinho mais”.

O deus alegremente acedeu, e Nut desceu ainda mais o seu corpo, até seus seios repousarem francamente sobre o peito rígido de Geb. Desta vez, porém, ela não recuou nem pediu

desculpa alguma, pois seus olhos cerrados simulavam um sono de fingida inocência.

“Que assim permaneçam”, pensou o deus, tacitamente concordante. “Serão a um só tempo um delicioso prazer e uma amena barreira ao exército rebelado de meus desejos.”

Porém, ao sentir o coração da deusa bater de encontro ao seu, percebeu que o escudo macio que os separava se convertera em estímulo, sendo agora um motivo a mais para que se completasse a rebelião nas hostes de seus desejos, solidamente arregimentados e de lanças avidamente enristadas.

Nut foi despertada de seu fingido sono ao sentir que havia agora um segundo ponto de contato entre ambos e que não era ela, certamente, quem o patrocinava, já que seu corpo não havia descido um milímetro de encontro à terra. Num gesto que nem mesmo Bastet, a deusa felina, poderia ter igualado, ela saltou para o alto como uma perfeita gata, indo cair de quatro novamente, acima de Geb, com o ventre contraído ao máximo.

– Ora, que atrevido...! – exclamou a deusa dos céus, tão rubra que os pássaros começaram a cantar, imaginando que já era o dia que surgia.

Geb não conseguiu reter uma gostosa gargalhada, que deixou a deusa desconcertada a ponto de não saber como reagir. Mas o riso dele era, afinal, tão puro e despido de malícia que ela, despindo também suas fingidas suscetibilidades, resolveu soltar livremente as rédeas de seu soberano instinto.

A bela Nut desceu inteira sobre Geb e assim permaneceram ambos por onze eras inteiras.



A união de Geb e Nut não passou despercebida, e logo um mensageiro foi levar a Rá a funesta nova, mesmo sabendo que lhe provocaria terrível ira.